

ASPECTOS DA DIMENSÃO METAFÍSICA NA HERMENÊUTICA FILOSÓFICA DE GADAMER: CONSIDERAÇÕES ACERCA DA LINGUAGEM METAFÍSICA E DO NIILISMO PÓS-MODERNO

Aspects of metaphysical dimension in Gadamer's philosophical hermeneutics: Considerations on the metaphysical language and postmodern nihilism

Leonardo Marques Kussler
Unisinos

Resumo: No presente artigo, propomo-nos a explicitar em que medida Gadamer retoma o conceito de metafísica em sua proposta hermenêutica, com o objetivo principal de explorar como esse aspecto ressalta seu posicionamento em relação à tentativa heideggeriana de refundar uma linguagem propriamente metafísica — com base nas pesquisas de Jean Grondin e Dennis J. Schmidt — e à crítica que caracteriza a hermenêutica gadameriana como relativista, sob um prisma conceitual niilista — especialmente sob a ótica de Gianni Vattimo. Ao final, algumas limitações de tal crítica relativista poderão ser revistas à luz da compreensão das condições ontológicas e metafísicas latentes na obra gadameriana, que contribuem para uma revisão da herança heideggeriana e da crítica pós-moderna contemporânea.

Palavras-chave: Linguagem metafísica, Metafísica da linguagem, Hermenêutica filosófica, Niilismo pós-moderno.

Abstract: In this paper, we propose an explanation about Gadamer's usage of metaphysics concept in his hermeneutical proposal, in an attempt to explore how this feature highlights its position in relation to Heidegger's attempt in reestablishing a proper metaphysical language — based on the researches of both Jean Grondin and Dennis J. Schmidt — and to the critique which characterizes Gadamerian hermeneutics as relativist, under a nihilist conceptual prism — especially under Gianni Vattimo's perspective. In the end, some limitations of such relativistic critique might be reviewed understanding potential ontological and metaphysical conditions in Gadamer's works, which might contribute to a review of Heideggerian heritage and contemporary postmodern critique.

Keywords: Metaphysical language, Metaphysics of language, Philosophical hermeneutics, Postmodern Nihilism.

1. Introdução

Compreender que a hermenêutica filosófica de Gadamer apresenta aspectos metafísicos não é tarefa difícil, mas perceber de que modo a metafísica e a ontologia se ligam à concepção de linguagem e em relação às tradições heideggeriana e pós-modernas é desafiador.

A proposta inicial da metafísica heideggeriana baseia-se em sua *hermenêutica da facticidade*, isto é, na preocupação do *Dasein* e seu modo de *ser-no-mundo* [*In-der-Welt-sein*], além da necessidade de se instituir uma nova linguagem propriamente metafísica. A crítica de Heidegger à metafísica tradicional apresenta-se muito mais como tentativa de refundação do que chama de *verdadeira metafísica do ser*, que fora *esquecida* — mas sua própria perspectiva torna-se obsoleta, pois questiona-se sobre os *entes* e não sobre o evento do *ser*, que se origina na proposta platônica das ideias.

No presente artigo, propomo-nos a explicitar em que medida Gadamer repensa a metafísica em sua proposta ontológica da hermenêutica filosófica, com o objetivo de reconhecer as limitações e os pré-conceitos históricos da linguagem, não endossando a tentativa heideggeriana de refundar uma linguagem propriamente metafísica, que visara a experiências originárias, e expor a crítica que caracteriza a hermenêutica gadameriana como relativista justamente por sua dimensão metafísica, sob um prisma conceitual niilista, que não considera os fundamentos ontológicos e a verdade proveniente destes.

Na primeira seção, apresentaremos a possibilidade de compreender a metafísica presente na tese gadameriana a partir da linguagem e sua relação com a verdade, com base nas contribuições de Jean Grondin, que destaca, na proposta da hermenêutica filosófica de Gadamer: a) a experiência estética como algo constituidor de verdade, pois tal experiência da obra de arte abre-se a uma concepção metafísica de verdade, que revela a *essência das coisas*, tem *valência ontológica* e se apresenta como *imagem do real*; b) a historicidade como algo que destaca nossa finitude e os limites de nossa compreensão, pois o caráter histórico distingue o *clássico* e deixa aflorar nossos pré-conceitos, nossos pré-juízos com relação às nossas tradições; c) e a linguagem como *medium* da metafísica, que se expressa no diálogo filosófico de seres

humanos, e não em uma linguagem especificamente metafísica, artificial e inacessível ao ser humano. Além disso, trataremos da *linguagem da metafísica* proposta por Heidegger e sua repercussão na tradição hermenêutica de Gadamer.

Na segunda seção, exporemos a crítica de Gianni Vattimo à proposta gadameriana, de que não há uma *verdade* ou um *ser* a serem compreendidos e correspondidos além de nossas interpretações, pois, no mote nietzschiano, não há modo de superar os fatos pelas interpretações. Na proposta do *pensamento fraco*, Vattimo propõe a revisão da hermenêutica gadameriana, de modo que não se admita uma forma de compreensão, mesmo que limitada e própria do *Dasein*, do ser e da verdade, pois estas seriam *formas unívocas e dominadoras da realidade*. Também mostraremos a posição de Dennis J. Schmidt, a respeito da linguagem como *imagem*, e de Grondin, como contraponto à crítica niilista contemporânea.

2. A compreensão da metafísica em Gadamer

Apesar de ser reconhecido como discípulo de Heidegger, Gadamer não representa uma cópia de seu mentor filosófico, portanto, quando adentra à seara hermenêutica, reconhece, desde cedo, limitações no que Heidegger defendera em seu projeto filosófico de *desconstrução* e *refundação* metafísica, a partir de uma analítica da linguagem e de uma proposição do que se convencionou chamar de *linguagem da metafísica*, isto é, uma linguagem comprometida diretamente com o ser e não maculada pelo esquecimento histórico-filosófico do ser ao dar preferência aos entes.

Quando Gadamer defende que não há linguagem especificamente metafísica, além da linguagem do ser humano, não extingue a existência da dimensão metafísica de sua proposta hermenêutica, pois tenta deixar o elemento metafísico presente em sua hermenêutica ao uni-la com sua compreensão de fenomenologia, não as considerando como opostos, como a tradição tentou sustentar, mas ciente de suas deficiências e limitações. Segundo o próprio Gadamer, em entrevista, “[...] o modo de discurso poético usado pelo Heidegger tardio [...] me chateava. Facilitava as acusações de pensamento mitológico contra ele. [...] Sou contra à criação de uma linguagem

especial e quero fazer a linguagem que normalmente usamos falar sobre o que Heidegger fala”.¹

De acordo com Dostal, “Embora em sua obra e pensamento Gadamer tivesse seguido a virada linguística do Heidegger tardio, Gadamer não pensava e não pensa que a linguagem da tradição filosófica está limitada ao modo que Heidegger pensa”.² A metafísica não possui a palavra filosófica ‘sujeito’ porque a metafísica não possui sua própria linguagem. A metafísica apenas utiliza a linguagem de modo particular, e seu uso define seus conceitos. A linguagem da metafísica ainda é diálogo da filosofia através dos tempos.³

Aliás, falar de metafísica em pleno século XXI é retomar as reações antimetafísicas do século XX. Pensemos, por exemplo, nas tradições positivista, fenomenológica e, mais recentemente, pós-metafísica e analítica. O problema de criticar e desconstruir a metafísica é que a história mostrou ser impossível tratar do assunto sem fazê-lo, isto é, falar de metafísica sem fazê-la. Essa crítica é amplamente defendida por Grondin, que exemplifica com os casos de: a) Kant, que criticara a metafísica por sua possibilidade de tratar de conhecimento extrarracional, mas acaba criando uma ética deontológica, baseada em princípios ulteriores que precedem a experiência; e b) Heidegger, que, primeiramente, propõe uma tese de que é possível a questão do *ser* através da metafísica, mediada pela ontologia do *Dasein*, e, posteriormente, propõe a desconstrução da metafísica como conhecimento suprassensível, compondo-o como *modo de pensar incapaz de pensar o ser*.⁴ Heidegger busca uma nova metafísica que seja capaz de pensar o ser no modo como ele julga ser o correto *fazendo uma metafísica*.

¹ GADAMER, Hans-Georg. *Hans-Georg Gadamer on Education, Poetry, and History*. Edited by Dieter Misgeld and Graeme Nicholson. Translated by Lawrence Schmidt and Monica Reuss. New York: State University of New York Press, 1992, p.128.

² DOSTAL, Robert J. Gadamer: The Man and his Work. In: _____. (Ed.). *The Cambridge Companion to Gadamer*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p.30.

³ Cf. EBERHARD, Philippe. *The Middle Voice in Gadamer's Hermeneutics*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2004. (Hermeneutische Untersuchungen zur Theologie; 45).

⁴ Cf. GRONDIN, Jean. *De l'héritage métaphysique du XX siècle*. Conférence pour un colloque sur “La réaction métaphysique au XXe siècle”, 2007.

Gadamer critica a culpabilidade que Heidegger atribui a Platão no que tange à *crise metafísica*.⁵ Aliás, uma das críticas de Gadamer com relação ao mestre fundamenta-se na afirmação de que Heidegger teria fundamentado todo seu pensamento acerca da questão originária do ser a partir de uma perspectiva teológica do divino, pois Heidegger pensa na superação da metafísica para desenvolver suas categorias de *ser* e *divino*, categorias facilmente reconhecíveis na perspectiva metafísica.⁶

A pergunta essencial é posta no que se refere ao *silêncio* de Gadamer em ser explícito quanto às suas bases metafísicas presentes em seu projeto de hermenêutica filosófica. Certamente, por conta de sua perspectiva não sistemática, o tema da metafísica como fundamento ontológico de sua hermenêutica não aparece de forma tão explícita, o que não apaga a dimensão metafísica do horizonte gadameriano. Outro aspecto se encontra na *sombra* de Heidegger projetada em Gadamer, de modo que sua metafísica apareça timidamente pelo movimento de desconstrução exponencialmente defendido ao final da carreira de Heidegger.

Entretanto, negar a dimensão metafísica de Gadamer seria uma tolice, visto que uma de suas mais célebres frases enaltece o caráter metafísico da linguagem, explicitando o viés ontológico desta: “Ser, que pode ser compreendido, é linguagem” [*Sein, das verstanden werden kann, ist Sprache*].⁷ Para Vattimo — que fora o primeiro tradutor de *Verdade e Método* ao italiano, ainda na década de 1970 —, a questão da tradução da sentença anterior rendeu-lhe um artigo intitulado *História de uma Vírgula*, em que destaca as interpretações do adágio gadameriano, que ora enfatiza que *ser é linguagem*, ora enfatiza que *ser pode ser compreendido*.⁸ Daqui, depreende-se parte da fundamentação da crítica niilista de Vattimo da qual trataremos em nossa segunda seção, mas basta adiantar que há uma *superinterpretação* quanto ao entendimento de

⁵ GADAMER, Hans-Georg. *The Gadamer Reader: a Bouquet of Later Writings*. Edited by Richard Palmer. Evanston: Northwestern University Press, 2007. (Topics in Historical Philosophy), p.347.

⁶ Cf. GADAMER, Hans-Georg. *Los Caminos de Heidegger*. Traducción Ángela Ackermann Pilàri. 3.ed. Barcelona: Herder, 2003.

⁷ GADAMER, Hans-Georg. “Wahrheit und Methode: Grunzüge einer philosophischen Hermeneutik”. In: _____. *Gesammelte Werke – Band 1 – Hermeneutik I*. Tübingen: J.B.C. Mohr (Paul Siebeck), 1990, p.478.

⁸ Cf. VATTIMO, Gianni. “Histoire d’une virgule. Gadamer et le sens de l’être”. In: *Revue internationale de philosophie*, v. 54, 2000, p.499-513.

que Gadamer aborda a compreensão plena e absoluta do ser, o que tentaremos mostrar não ser o caso.

A hermenêutica gadameriana pretende se consolidar como *fenomenológica e metafísica*, de modo que ambos aspectos devem ser compreendidos como complementares. Portanto, mesmo levando em consideração a tradição fenomenológica desenvolvida por Heidegger, com sua proposta inicial de uma hermenêutica da facticidade, Gadamer concilia com a metafísica, através de sua fundamentação ontológica — com relação à linguagem — e não exclusivamente ôntica da hermenêutica filosófica que propusera. Em um ensaio, de 1983, Gadamer escreve sobre a relação entre os três termos: “Fenomenologia, hermenêutica e metafísica não são três pontos de vista distintos, mas, sim, o próprio filosofar” [*Phänomenologie, Hermeneutik und Metaphysik sind nicht drei verschiedene philosophische Standpunkte, sondern Philosophieren selber*].⁹ São diferentes momentos do próprio filosofar, visto que a experiência hermenêutica gadameriana visa: a) um momento de suspensão de juízos para com o que está sendo interpretado e de conscientização histórica do objeto e dos pré-conceitos do sujeito; b) fundamentos metafísicos de uma verdade a ser experienciada, limitada pela finitude, pela capacidade de compreensão do ser humano etc.; e c) um processo de reconhecimento e de compreensão de si e de mudança existencial com base na própria experiência hermenêutica que se instaura no sujeito.

Um dos fundamentos da dimensão metafísica em Gadamer pode ser explorada na primeira seção de *Verdade e Método*, que aborda a experiência estética e sua relação com a verdade. Talvez por nossa tradução em língua portuguesa, alguns aspectos conceituais não fiquem tão explícitos com relação à proposta da experiência de verdade — portanto, ontológica — presente na experiência do sujeito com relação à obra de arte, pois revela-se, aí, um lampejo da essência das coisas. Em linguagem aristotélica, trata-se do ser que se diz de inúmeras maneiras, portanto, também na obra de arte. Afirmamos isso com base na tradução de Grondin, que, brilhantemente, verte o termo *Seinsvalenz* por *valência ontológica*, muito diferente da opção do

⁹ GADAMER, Hans-Georg. “Phänomenologie, Hermeneutik, Metaphysik (1983)”. In: _____. *Gesammelte Werke – Band 10 – Hermeneutik im Rückblick*. Tübingen: J.B.C. Mohr (Paul Siebeck), 1995, p.109.

tradutor brasileiro, por *realidade ontológica*.¹⁰ Com relação à *valência* — que, por si só, significa aglutinação, como na Química, por exemplo —, podemos tecer uma ligação direta à ideia de μέθεξις [méthexis], a *participação*, o *ser-com* [Mitsein] da obra com relação ao ser. Isso faz muito mais sentido no que diz respeito ao objetivo da experiência de verdade ocasionada durante a experiência estética, que, bem-sucedida, leva a um *crescimento de ser* [Seinszuwachs] indicado por Gadamer.¹¹

O deslocamento da arte conclama para que saiamos da monotonia e vivamos aquele momento com a obra de arte, isto é, a experiência de verdade proposta por esta. Nesse sentido, a) a verdade da obra de arte propõe uma visão da essência diferenciada e dá sentido às coisas; b) a verdade da obra de arte é metafísica; e c) a verdade da obra de arte faz com que percebamos uma experiência do espírito em detrimento da verdade do método científico, no movimento daquilo que Gadamer chama *fusão de horizonte* [Horizontverschmelzung] (do espectador com a obra de arte).¹² A verdade proposta pela obra de arte não coincide com a verdade das ciências da natureza, pois, apesar de ter um aspecto cognitivo, é instaurada muito mais como experiência, como mudança em nosso *ser-no-mundo*.

A segunda seção de *Verdade e Método* explicita o caráter crítico das interpretações relativistas com relação à noção de verdade gadameriana, pois traz, justamente, o aspecto da historicidade e do limite compreensivo. Apesar do tratamento especial ao conceito de historicidade, não há muito fundamento em tomar Gadamer como mero relativista, pois a historicidade, aplicada à obra de arte, tem a função de revalidá-la em sua temporalidade. A historicidade tem o papel de ressignificar a obra de arte, que tem um caráter metafísico de *permanência*, como o exemplo do *clássico*. Não é qualquer obra de arte que se estabelece como clássico, pois o clássico transcende a história e é produto desta, de modo que apresenta a realidade, a verdade de uma época, de uma sociedade, mas que ainda faz sentido,

¹⁰ Cf. GRONDIN, Jean. “La dimension métaphysique de l’herméneutique”. In: PORTOCARRERO, M. L.; UMBELINO, L. A.; WIERCINSKI, A. (Dir.). *Hermeneutic Rationality – La rationalité herméneutique*. Berlin: Verlag, 2012. (International Studies in Hermeneutics and Phenomenology, Volume 3), p.17-30.

¹¹ GADAMER, Hans-Georg. “Wahrheit und Methode: Grunzüge einer philosophischen Hermeneutik”. In: _____. *Gesammelte Werke – Band 1 – Hermeneutik I*. Tübingen: J.B.C. Mohr (Paul Siebeck), 1990, p.158.

¹² Cf. GRONDIN, Jean. *De l’héritage métaphysique du XXe siècle*. Conférence pour un colloque sur “La réaction métaphysique au XXe siècle”, 2007.

hoje, pois consegue se manter *atualizado* — nas mais variadas conotações possíveis, seja por ser atual, que faz sentido na contemporaneidade, ou por ser *tornado ato*, por conta de sua potência historicamente revalidada. Se fosse um relativismo total, todas as obras seriam consideradas clássicas e propensas à transposição histórica, o que não é o caso, pois algumas obras são simplesmente relegadas — assim como alguns clássicos ficam *adormecidos* por determinados períodos da história, sendo reconsiderados e ressignificados em outros.

O que nos faz perceber os pré-conceitos/pré-juízos históricos e optar pelos melhores é o que Gadamer concebe como história efetual [*Wirkungsgeschichte*], ou seja, o princípio pelo qual a história é visualizada em seus reflexos históricos na contemporaneidade. Nesse sentido, quem adquire consciência histórica por meio da experiência hermenêutica percebe as limitações e os pré-juízos inerentes à sua compreensão, ciente do distanciamento histórico e do seu efeito na tradição na qual o sujeito que compreende está inserido. Nossa compreensão depende de pré-conceitos e opiniões prévias de conhecimento que herdamos, mas, por sorte, temos capacidade de revisá-las, melhorá-las, evoluí-las, revê-las. Não há uma noção de verdade última e inegável, mas de verdade *provisória* e passível de alteração e de reconhecimento de sua efemeridade. Obviamente, o princípio de história efetual também é compreendido como passível de reinterpretação, pois não se fundamenta em um valor absoluto e indiscutível; fazem parte do movimento histórico a nova *suspensão de juízos* e o recomeço de parte do processo, por conta da abertura destes ao constante diálogo. Desse modo, as verdades históricas que atravessam os tempos nos auxiliam a dar respostas à nossa busca por sentido, por compreensão.

A questão do historicismo, da historicidade, não limita o sujeito que compreende à história, mas, de algum modo, à sua superação. A história e o caráter de historicidade formam uma espécie de *experiência de verdade atemporal*, mas, para Gadamer, não existe *verdade atemporal* [*zeitlose Wahrheit*], pois a história propicia uma experiência de verdade que não é tão relativizável e volátil em sua verdade (exemplo do clássico, da experiência do belo, da verdade estética). A obra de arte capta a realidade e a re[a]presenta como uma experiência de verdade, de certo modo, a-histórica, atemporal, pois não é plenamente relativizável pela consciência histórica.

Entretanto, não se trata de algo sem aspecto de seu tempo, mas de uma experiência que transcende seu tempo.

A virada ontológica e a relação com a linguagem, presentes no terceiro momento de *Verdade e Método*, provavelmente formam o aspecto mais defensável da hermenêutica gadameriana em suas bases metafísicas. Grondin faz um percurso explicativo do caráter metafísico da filosofia gadameriana a partir da tríade arte-história-linguagem, seguindo o percurso gadameriano em *Verdade e Método*.¹³ O grande trunfo de Gadamer, no desenvolvimento da linguagem com a fundamentação ontológica desta, é não recair na problemática de Heidegger, de reconsiderar uma *linguagem da metafísica*, pois não considera que a metafísica esteja superada, visto que seu projeto hermenêutico visa levar e aprofundar o sujeito de volta às questões metafísicas por meio da linguagem própria do ser humano, finito, limitado e suscetível ao erro em suas interpretações.

Para Heidegger, a metafísica havia se esquecido de sua pergunta originária sobre o *ser* — pois Heidegger, em grande parte, ocupara-se das questões genealógicas —, não tratando do *evento do ser*, mas dos *entes* explicados através da racionalidade. Portanto, Heidegger parte para uma recondução da metafísica, pois acredita que houve um *esquecimento do ser* [*Seinsvergessenheit*], um esquecimento do evento do ser, de modo que a linguagem da tradição metafísica não tratava do ser, mas dos entes, o que justificaria seu projeto por uma *linguagem metafísica*. De acordo com Gadamer, não há necessidade de uma linguagem propriamente metafísica, especificamente para tal uso, pois a linguagem da qual dispomos, enquanto seres humanos, é a linguagem dos povos, a linguagem do pensamento humano que *também* se propõe a pensar a metafísica em relação ao nosso *ser-no-mundo*.¹⁴

Heidegger, em *Carta sobre o humanismo* [1946], trata da questão da *linguagem como morada do ser*, na qual *deveríamos* residir, em contato/comunhão com o ser.¹⁵

¹³ Cf. GRONDIN, Jean. “La dimensión metafísica de l’herméneutique”. In: PORTOCARRERO, M. L.; UMBELINO, L. A.; WIERCINSKI, A. (Dir.). *Hermeneutic Rationality – La rationalité herméneutique*. Berlin: Verlag, 2012. (International Studies in Hermeneutics and Phenomenology, Volume 3), p.17-30.

¹⁴ GADAMER, Hans-Georg. *Los Caminos de Heidegger*. Traducción Ángela Ackermann Pilàri. 3.ed. Barcelona: Herder, 2003, p.81.

¹⁵ Cf. HEIDEGGER, Martin. “Letter on Humanism”. Translated by William McNeill. In: _____. *Pathmarks*. Edited by William McNeill. Cambridge: Cambridge University Press, 1998a, p.239-276.

Entretanto, a modernidade, ao objetificar a linguagem, torna-a inapta ao contato ontológico, de modo que a linguagem torna-se apenas instrumento do ser humano, designador e referenciador dos entes, sem relação com o ser. Nessa instrumentalização, perde-se o sentido de ser e a *essência* da própria linguagem, que é esquecida no cenário contemporâneo — *estamos sem morada porque esquecemos do ser*. O esquecimento do ser e da relação do ser humano com o íntimo ontológico é uma forma de *queda* [*Verfallen*] do próprio ser humano em relação à essência da história do ser.¹⁶

Em *Introdução a 'O que é metafísica?'* [1949] — que é uma simplificação da discussão original, de 1929, que abordava incessantemente a questão do *nada* como fundamento metafísico —, Heidegger defende que a metafísica tradicional ocidental era culpada pelo esquecimento do ser — por isso a necessidade de repensar uma *linguagem propriamente metafísica*, fora dos parâmetros da linguagem conceitual filosófica da tradição metafísica ocidental, com as limitações já exploradas anteriormente.¹⁷ Entretanto, segundo Ruin, já em *Ser e Tempo*, Heidegger tratava da *crise da linguagem filosófica*, de modo que toda forma de articulação do ser teria resultado em um vocabulário metafísico incapaz de tratar do ser, tornando-o uma categoria fixa, um outro modo de ser, desrespeitando a *diferença ontológica* entre *ser* e *ente[s]*.¹⁸ A metafísica pensa apenas os *entes enquanto entes*, à luz do *ser*, mas sem se questionar sobre o ser enquanto fator originário dos entes, e, por conta disso, *esquece-se do ser enquanto ser*.¹⁹ Heidegger direciona sua crítica à metafísica tradicional, com sua linguagem conceitual tradicional, afirmando que esta nunca se pergunta sobre a *verdade do ser*, pois confunde *ser* e *ente*, e, portanto, nunca se questiona sobre o *fundamento de sua essência [metafísica]*.²⁰

Na próxima seção, abordaremos a questão da linguagem e sua fundamentação ontológica, em Gadamer, e a crítica da tradição pós-moderna a esta, de modo que seja

¹⁶ Cf. *Ibid.*

¹⁷ HEIDEGGER, Martin. "Introduction to 'What is Metaphysics?'" Translated by Walter Kaufmann. In: _____. *Pathmarks*. Edited by William McNeill. Cambridge: Cambridge University Press, 1998b, p.277-290.

¹⁸ Cf. RUIN, Hans. "Contributions to Philosophy". In: DREYFUS; Hubert L.; WRATHALL, Mark A. (Eds.). *A Companion to Heidegger*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005, p.358-374.

¹⁹ Cf. HEIDEGGER, *op. cit.*

²⁰ Cf. *Ibid.*

possível repensar o modelo gadameriano com base na crítica niilista e explicitar o caráter metafísico não como garantia absoluta da verdade, mas como elemento partícipe do processo de compreensão hermenêutico.

3. Respostas da dimensão metafísica gadameriana ao niilismo pós-moderno

Gadamer não tem intenção de refundar uma metafísica, como já referido na seção anterior. Seu projeto hermenêutico parece nos levar novamente à problemática metafísica e às suas questões pelo simples fato de tais questões não estarem acabadas e resolvidas. Gadamer afirma, em uma visão wittgensteiniana, que a linguagem da metafísica é, antes, uma linguagem indo-germânica — ou uma família de linguagens — de pessoas que são capazes de se perguntarem sobre o ser.²¹ Portanto, Gadamer se distancia da concepção heideggeriana de que deva existir uma linguagem da metafísica, adotando uma postura mais wittgensteiniana.²² O objetivo é, pois, mostrar que, no percurso da linguagem ao conceito sobre as coisas — inclusive o ser —, a compreensão é instituída de forma dialético-dialógica, por conta das [in]capacidades da linguagem própria do ser humano. Uma linguagem artificial que proporcionasse uma compreensão mais apurada e próxima do *evento do ser*, como apostava Heidegger, não resolveria o problema, e, para completar, traria o obstáculo de uma linguagem artificial, não partilhada pelos seres humanos e dificilmente reconhecida como sua *morada*, como *lugar de habitação e reconhecimento do ser-no-mundo*.

Na concepção gadameriana, a linguagem é o princípio de todo processo compreensivo, como *medium*, como mediação do *ser-no-mundo*, como modo de adequação comunicativa em relação ao horizonte do mundo compartilhado.²³ Gadamer não busca ressignificar categorias como ser, verdade, essência, tal como previa o projeto heideggeriano, pois não reconhece isso como um problema, mas como uma necessidade de Heidegger em distanciar-se da tradição conceitual

²¹ GADAMER, Hans-Georg. *Los Caminos de Heidegger*. Traducción Ángela Ackermann Pilàri. 3.ed. Barcelona: Herder, 2003, p.81.

²² Cf. LAWN, Chris. *Gadamer: A Guide for the Perplexed*. London: Continuum International Publishing Group, 2006.

²³ LAWN, Chris; KEANE, Niall. *The Gadamer Dictionary*. London: Continuum International Publishing Group, 2011, p.159.

metafísica e incluir seu caráter também *teológico* em sua proposta um tanto escatológica de filosofia.²⁴ Segundo Gadamer, o projeto de Heidegger buscava ressignificar conceitos através de sua *destruição*, isto é, *desmontar a linguagem tradicional da metafísica a fim de reconduzi-la a experiências originárias*.²⁵

De acordo com Grondin, Rorty e Vattimo tratam da frase *ser, que pode ser conhecido, é linguagem* como um aspecto de relativismo gadameriano.²⁶ Linguagem é, primeiramente, *linguagem do ser*, o que passa despercebido em uma interpretação nominalista — à qual Gadamer critica ao final de *Verdade e Método*. A hermenêutica de Gadamer pode ser lida como uma hermenêutica do ser em relação à hermenêutica da facticidade/do *Dasein* promovida por Heidegger. Portanto, é possível compreender um pouco do ser através da linguagem da qual dispomos enquanto seres humanos. As coisas são compreensíveis até determinado ponto, e nossa compreensão de mundo e ontológica, obviamente, se limita à nossa finitude e nossa condição humana de compreensão não absoluta, sempre parcial, inacabada, sujeita à revisão.

A linguagem não é apenas uma criação humana, desde a virada platônica às ideias, mas, para Gadamer, a linguagem é, antes, *linguagem do ser*. Schmidt aborda a linguagem presente no processo hermenêutico em busca da verdade como sendo uma espécie de *idioma*, pois está entre a linguagem conceitual e a linguagem não conceitual; trata-se do idioma da *compreensão* e não do *entendimento*, pois está ligado ao *movimento da vida*, à compreensão vivida e não necessariamente tematizada ao *ser-no-mundo*, diferentemente do entendimento.²⁷ De acordo com Gadamer, o conhecimento e a compreensão também emanam do ser e não como uma atividade meramente produzida e exclusiva do sujeito.²⁸ Nossa linguagem pertence ao ser, pois

²⁴ GADAMER, op. cit., p.308.

²⁵ GADAMER, Hans-Georg. *Los Caminos de Heidegger*. Traducción Ángela Ackermann Pilàri. 3.ed. Barcelona: Herder, 2003, p.309.

²⁶ Cf. GRONDIN, Jean. "Nihilistic or Metaphysical Consequences of Hermeneutics". In: MALPAS, J.; ZABALA, S. (Dir.). *Consequences of Hermeneutics*. Evanston: Northwestern University Press, 2010, p.190-201; _____. "La dimension métaphysique de l'herméneutique". In: PORTOCARRERO, M. L.; UMBELINO, L. A.; WIERCINSKI, A. (Dir.). *Hermeneutic Rationality – La rationalité herméneutique*. Berlin: Verlag, 2012. (International Studies in Hermeneutics and Phenomenology, Volume 3), p.17-30.

²⁷ Cf. SCHMIDT, Dennis. "On the Idiom of Truth and the Movement of Life: Some Remarks on the Task of Hermeneutics". In: FIGAL, Günter (hg.). *Internationales Jahrbuch für Hermeneutik: 10. Band – Schwerpunkt: 50 Jahre Wahrheit und Methode*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2011, p. 41-53.

²⁸ Cf. GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 3.ed. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1999.

participa deste, de modo que é através da linguagem finita, imperfeita e própria do ser humano que se diz o ser.

Ao contrário do que Vattimo propõe, a saída da hermenêutica proposta por Gadamer prevê uma recuperação da metafísica e da verdade, em detrimento de uma visão niilista. Vattimo tem inspiração nietzschiana — assim como Heidegger —, defendendo, portanto, a *liberação da metafísica*. Nas palavras de Grondin, trata-se de um *niilismo feliz*, que se apresenta como libertador da necessidade de uma concepção metafísica de *ser* e *verdade* a ser compreendida.²⁹ Metafísica, nessa visão vattimiana, é compreendida aos moldes parmenidianos, isto é, de modo rígido, fixo e imutável, de modo que o *pensiero debole* representaria a salvação como pensamento brando, fluido, baseado em interpretações sem juízos de valores absolutos.³⁰

Vattimo enxerga, na metafísica, uma forma *dominadora* e *violenta* de conhecimento e de compreensão de mundo, de modo que, inspirado por Nietzsche, afirma que “[...] a metafísica é ela mesma, em si, um ato violento”.³¹ O problema é que a visão vattimiana é limitada pelas tradições nietzschiana e heideggeriana, que consideram a metafísica em seu viés tradicional, como uma proposta de experiência de absolutização do ser, de valores últimos e inegáveis. A saída oferecida à experiência metafísica é uma experiência niilista, uma vez que

A experiência que se oferece ao niilista consumado não é, por sua vez, uma experiência de plenitude, de glória, de *ontos on*, mas trata-se de uma experiência desligada dos supostos valores últimos e referida de maneira emancipada, por sua vez, dos valores que a tradição metafísica sempre considerou baixos e desprezíveis e que, desse modo, são resgatados e devolvidos à sua verdadeira dignidade.³²

A metafísica tradicional à qual Vattimo se refere é a metafísica platônico-aristotélica, interpretada ao pé da letra, de modo que “A metafísica responde à necessidade de segurança enquanto, através da generalização, coloca à disposição do

²⁹ GRONDIN, Jean. “Nihilistic or Metaphysical Consequences of Hermeneutics”. In: MALPAS, J.; ZABALA, S. (Dir.). *Consequences of Hermeneutics*. Evanston: Northwestern University Press, 2010, p.190-201.

³⁰ Cf. VATTIMO, Gianni; ROVATTI, Pier Aldo (Org.). *Il pensiero debole*. 10.ed. Milano: Feltrineli, 1995.

³¹ VATTIMO, Gianni. *Il soggetto e la maschera: Nietzsche e il problema della liberazione*. Milano: Bompiano, 1996, p.114.

³² VATTIMO, Gianni. *El fin de la modernidad: nihilismo y hermenéutica en la cultura posmoderna*. Barcelona: Gedisa, 1987. (Colección Hombre y Sociedad; Serie Meditaciones), p.28.

homem um saber que lhe permite dominar, ou ao menos afrontar em condição de relativa vantagem, as várias situações da existência”.³³ Em termos puramente heideggerianos, Vattimo resgata a dimensão metafísica como essência da característica da *técnica moderna*, de matiz dominador, de crise do humanismo e do ocaso dessa metafísica tradicional, ao afirmar que “O mito da técnica desumanizante e também a ‘realidade’ desse mito nas sociedades da organização total são intumescimentos metafísicos que continuam interpretando a fábula como ‘verdade’”.³⁴

Na interpretação vattimiana, há uma *tendência problemática* no que tange ao *futuro da hermenêutica* em uma esteira *ontologizante*, pois sua interpretação é de que Gadamer tentou se afastar expressamente de toda e qualquer metafísica, inclusive com relação a qualquer comprometimento com a noção de historicidade.³⁵ A crítica de Vattimo quanto à metafísica desenvolvida pela hermenêutica gadameriana constitui-se em três aspectos principais: 1) pré-juízos/pré-conceitos em toda forma de compreensão, o que seria uma porta ao relativismo; 2) historicidade, que é um ponto-chave na compreensão, visto que, no momento de compreensão, tornamo-nos herdeiros da história, de modo que não há compreensão de verdade e ser, apenas interpretações históricas destes; e 3) a ontologia universal da linguagem presente na famosa sentença *ser, que pode ser compreendido, é linguagem*, que fortalece o pensamento niilista de que não é possível romper com a perspectiva histórica e a linguagem.³⁶

Na visão de Grondin, 1) a questão dos pré-juízos/pré-conceitos está relacionada à possibilidade de corrigi-los, visto que as interpretações nunca são absolutas, mas marcadas pela linguagem finita, pela finitude e imperfeição próprias do ser humano, pela história etc. — por isso a insistência gadameriana na *adequatio*, isto é, na

³³ VATTIMO, Gianni. *Il soggetto e la maschera: Nietzsche e il problema della liberazione*. Milano: Bompiano, 1996, p.115.

³⁴ VATTIMO, Gianni. *El fin de la modernidad: nihilismo y hermenéutica en la cultura posmoderna*. Barcelona: Gedisa, 1987. (Colección Hombre y Sociedad; Serie Meditaciones), p.32.

³⁵ VATTIMO, Gianni. “Conclusion: The Future of Hermeneutics”. Translated by Faustino Fraiso. In: MALPAS, Jeff; GANDER, Hans-Helmuth (Eds.). *The Routledge Companion to Hermeneutics*. London; New York: Routledge, 2015, p.722.

³⁶ Cf. GRONDIN, Jean. “Nihilistic or Metaphysical Consequences of Hermeneutics”. In: MALPAS, J.; ZABALA, S. (Dir.). *Consequences of Hermeneutics*. Evanston: Northwestern University Press, 2010, p.190-201.

constante consulta quanto à corroboração das coisas mesmas em relação à compreensão destas, em busca de uma fusão de horizontes (que também não é um estágio final sem possibilidade de alteração).³⁷ Nesse sentido, a compreensão gadameriana enquanto *adequação* é uma forma de *tradução*, pois há sempre uma tentativa de compreender algo em um tipo de *aproximação de margens*, um *desafio* de encontrar um discurso para o que está no jogo da compreensão.³⁸ A questão dos pré-juízos/pré-conceitos, pois, se coloca como condição para a compreensão, mas não em uma linha relativista, apenas como entendimento de que a compreensão está sempre sujeita à revisão de argumentos e evidências mais convincentes, pois é nisso que a experiência hermenêutica se baseia: a percepção de falhas na compreensão anterior.

2) Gadamer pretende superar o historicismo e não se enraizar em sua potência, defendendo que há uma experiência de verdade que supõe o contexto do historicismo — aqui se desenvolve o exemplo do clássico, que é mediado e instaurado através da história. E 3) a questão da linguagem e do princípio de uma ontologia universal é vista, pela tradição niilista pós-moderna, com um viés nominalista, em especial na famosa afirmação do ser que pode ser compreendido na linguagem, que dispensa uma compreensão extralinguística ou metafísica.

Na sentença *Ser, que pode ser compreendido, é linguagem* [*Sein, das verstanden werden kann, ist Sprache*],³⁹ começa-se pelo *ser* e afirma-se que este pode ser compreendido (mesmo que de forma limitada!). Nossa compreensão é, de certo modo, mediada pelo *ser*, visto que este pode ser compreendido. O ser está na/é linguagem (é somente através dela que o compreendemos). De acordo com Schmidt, a linguagem pode ser compreendida como uma *Bild*, uma imagem — como na concepção platônica defendida na *Carta VII*, em que um dos meios de acesso ao ser é a *imagem* —, uma forma de idioma imagético, uma forma de texto a ser interpretado.⁴⁰

³⁷ Cf. *Ibid.*

³⁸ GRONDIN, J. "Gadamer's Basic Understanding of Understanding". In: DOSTAL, Robert (Ed.). *The Cambridge Companion to Gadamer*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p.36-52.

³⁹ GADAMER, Hans-Georg. "Wahrheit und Methode: Grunzüge einer philosophischen Hermeneutik". In: _____. *Gesammelte Werke – Band 1 – Hermeneutik I*. Tübingen: J.B.C. Mohr (Paul Siebeck), 1990, p.478.

⁴⁰ Cf. SCHMIDT, Dennis J. *Between Word and Image: Heidegger, Klee, and Gadamer on Gesture and Genesis*. Bloomington: Indiana University Press, 2013. (Studies in Continental Thought).

De certa forma, a imagem também se apresenta com a característica de *valência ontológica* — aliás, é da imagem, da forma presente na obra de arte, que Gadamer destaca o fator de ligação ontológica, isto é, de *méthexis* ou *participação com o ser*. A imagem possui *mais ser* do que sua representação, pois nossa compreensão desta sempre se institui de forma limitada e não totalizante.

4. Considerações finais

Ao final deste artigo, esperamos que tenha sido suficientemente esclarecido como a temática da metafísica está peculiarmente presente na hermenêutica filosófica de Gadamer. Também esperamos que tenham sido suficientemente abordadas as principais dificuldades em encontrar os elementos metafísicos na filosofia de Gadamer sem o peso da metafísica tradicional, assim como o papel da crítica de Gadamer em relação à proposta de Heidegger, em seu projeto por uma *linguagem da metafísica*.

Desse modo, na primeira seção, ressaltamos a tese da presença de elementos metafísicos de Gadamer principalmente com base nas propostas de Jean Grondin, que destaca a relação da linguagem com a verdade — a ligação do elemento ontológico em uma linguagem conceitual filosófica, mas não estritamente metafísica —, a experiência estética como reveladora da verdade e o elemento da historicidade, que destaca os limites de nossa compreensão, nossa situação de seres pertencentes à determinada tradição, cientes de nossa finitude e nossa limitação compreensiva. Também exploramos o caráter da *linguagem da metafísica* de Heidegger e sua recepção na tradição hermenêutica de Gadamer, ressaltando o interesse pela superação da linguagem especificamente metafísica através da compreensão da linguagem própria e à disposição do ser humano.

Já na segunda seção, exploramos uma das principais críticas ao aspecto metafísico presente na hermenêutica gadameriana, especialmente defendida por Gianni Vattimo, que se baseia em uma compreensão específica de metafísica para a proposição de uma filosofia pós-moderna, que busca superar esse modelo de metafísica tradicional ao qual se destina sua crítica. Também explicitamos — com base na argumentação de Grondin e Dennis J. Schmidt — como a crítica de Vattimo é problemática, pois se insere em uma compreensão de metafísica como *conceituação*

estática, elemento que não configura a proposta de Gadamer, de uma *metafísica branda*, ciente de suas limitações e aberta a revisões históricas.

Por fim, destacamos que não foi nosso objetivo — tal como não fora o de Gadamer — reduzir e encerrar a discussão sobre a temática, pois o próprio Gadamer não tinha o desejo de *refundar* ou *superar* a metafísica, mas abordá-la de modo diferente, ciente da limitação e da inadequação da linguagem humana da qual dispomos para compreender e expressar as coisas. Diferentemente da proposta heideggeriana aqui abordada, de refundação da metafísica e de uma linguagem propriamente metafísica, capaz de lidar com o ser de forma mais acurada, vale destacar que Gadamer abordou mais questões ontológicas do que propriamente metafísicas enquanto Heidegger ainda vivia — o que torna difícil de identificar elementos metafísicos explícitos no período em que suas principais obras foram publicadas. Em tempo, destacamos que a metafísica de Gadamer encontra-se muito mais na *ontologia da linguagem* — expressa no tempo, na história, na obra de arte —, no sentido de o *ser* se constituir enquanto linguagem humana.

Referências

DOSTAL, Robert J. “Gadamer: The Man and his Work”. In: _____. (Ed.). *The Cambridge Companion to Gadamer*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p.13-36.

EBERHARD, Philippe. *The Middle Voice in Gadamer’s Hermeneutics*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2004. (Hermeneutische Untersuchungen zur Theologie; 45).

GADAMER, Hans-Georg. “Wahrheit und Methode: Grunzüge einer philosophischen Hermeneutik”. In: _____. *Gesammelte Werke – Band 1 – Hermeneutik I*. Tübingen: J.B.C. Mohr (Paul Siebeck), 1990, p.1-495.

_____. *Hans-Georg Gadamer on Education, Poetry, and History*. Edited by Dieter Misgeld and Graeme Nicholson. Translated by Lawrence Schmidt and Monica Reuss. New York: State University of New York Press, 1992.

_____. “Phänomenologie, Hermeneutik, Metaphysik (1983)”. In: _____. *Gesammelte Werke – Band 10 – Hermeneutik im Rückblick*. Tübingen: J.B.C. Mohr (Paul Siebeck), 1995, p.100-109.

_____. *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 3.ed. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. *Los Caminos de Heidegger*. Traducción Ángela Ackermann Pilàri. 3.ed. Barcelona: Herder, 2003.

_____. *The Gadamer Reader: a Bouquet of Later Writings*. Edited by Richard Palmer. Evanston: Northwestern University Press, 2007. (Topics in Historical Philosophy).

GRONDIN, J. "Gadamer's Basic Understanding of Understanding". In: DOSTAL, Robert (Ed.). *The Cambridge Companion to Gadamer*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p.36-52.

_____. *De l'héritage métaphysique du XXe siècle*. Conférence pour un colloque sur "La réaction métaphysique au XXe siècle", 2007.

_____. "Nihilistic or Metaphysical Consequences of Hermeneutics". In: MALPAS, J.; ZABALA, S. (Dir.). *Consequences of Hermeneutics*. Evanston: Northwestern University Press, 2010, p.190-201.

_____. "La dimensión metafísica de l'herméneutique". In: PORTOCARRERO, M. L.; UMBELINO, L. A.; WIERCINSKI, A. (Dir.). *Hermeneutic Rationality – La rationalité herméneutique*. Berlin: Verlag, 2012. (International Studies in Hermeneutics and Phenomenology, Volume 3), p.17-30.

HEIDEGGER, Martin. "Letter on Humanism". Translated by William McNeill. In: _____. *Pathmarks*. Edited by William McNeill. Cambridge: Cambridge University Press, 1998a, p.239-276.

_____. "Introduction to 'What is Metaphysics?'" Translated by Walter Kaufmann. In: _____. *Pathmarks*. Edited by William McNeill. Cambridge: Cambridge University Press, 1998b, p.277-290.

LAWN, Chris. *Gadamer: A Guide for the Perplexed*. London: Continuum International Publishing Group, 2006.

LAWN, Chris; KEANE, Niall. *The Gadamer Dictionary*. London: Continuum International Publishing Group, 2011.

RUIN, Hans. "Contributions to Philosophy". In: DREYFUS; Hubert L.; WRATHALL, Mark A. (Eds.). *A Companion to Heidegger*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005, p.358-374.

SCHMIDT, Dennis. "On the Idiom of Truth and the Movement of Life: Some Remarks on the Task of Hermeneutics". In: FIGAL, Günter (hg.). *Internationales Jahrbuch für Hermeneutik: 10. Band – Schwerpunkt: 50 Jahre Wahrheit und Methode*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2011, p. 41-53.

_____. *Between Word and Image: Heidegger, Klee, and Gadamer on Gesture and Genesis*. Bloomington: Indiana University Press, 2013. (Studies in Continental Thought).

VATTIMO, Gianni. *El fin de la modernidad: nihilismo y hermenéutica en la cultura posmoderna*. Barcelona: Gedisa, 1987. (Colección Hombre y Sociedad; Serie Meditaciones).

_____. *Il soggetto e la maschera: Nietzsche e il problema della liberazione*. Milano: Bompiano, 1996.

_____. "Histoire d'une virgule. Gadamer et le sens de l'être". *Revue Internationale de Philosophie*, v. 54, 2000, p.499-513.

_____. “Conclusion: The Future of Hermeneutics”. Translated by Faustino Fraiso. In: MALPAS, Jeff; GANDER, Hans-Helmuth (Eds.). *The Routledge Companion to Hermeneutics*. London; New York: Routledge, 2015, p.721-728.

VATTIMO, Gianni; ROVATTI, Pier Aldo (Org.). *Il pensiero debole*. 10.ed. Milano: Feltrineli, 1995.

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia/Unisinos
E-mail: leonardo.kussler@gmail.com